Revista Música e Cultura (ISSN 1980-3303)
Dossiê **Sonoridades, memória e territorialidade: performances em movimento na América Latina e Caribe**

ESCUTAR A TERRA, NOMEAR A LUTA, HABITAR A UNIVERSIDADE:
Um *Story-ing* contracolonial com D. Mayá, Nêgo Bispo e Spirito Santo

Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo) (PI)
Em memoriam
Antônio José do Espírito Santo (Spirito Santo) (RJ)
spiritomusik@gmail.com
Maria Muniz de Andrade (Mestra Mayá) (BA)
Magda Dourado Pucci (SP)
magda@mawaca.com.br

Resumo
Este artigo nasce do diálogo com D. Mayá Pataxó Hã Hã Hãe, Nêgo Bispo, Spirito Santo, a partir da mesa "Mestres do Notório Saber", realizada durante o Simpósio dos Grupos de Estudos em Etnomusicologia Aplicada e de Música e Dança da América Latina (LatCar) do ICTMD[1], realizado no Rio de Janeiro, em 2022. O objetivo é compreender como seus modos de cantar, falar e ensinar transformaram as relações de escuta e desafiaram pressupostos da etnomusicologia aplicada. Para isso, adota o *story-ing* — uma prática de ***narrar com*** e não ***narrar sobre*** — proposta por Elizabeth Mackinlay, em diálogo com as epistemologias indígenas de Linda Tuhiwai Smith, a reflexividade desconfortável de Wanda Pillow e a noção de ressurgência de Jeff Corntassel. Em diálogo com essas perspectivas, o artigo busca explicitar — e não resolver — as tensões inerentes à pesquisa, @acompanhando os deslocamentos produzidos pelo encontro e compreendendo a escuta como uma prática relacional de produção de conhecimento. O chamado de D. Mayá por uma educação enraizada nos Encantados, o pensamento contracolonial de Nêgo Bispo e a crítica de Spirito Santo às exclusões acadêmicas evidenciam que esses conhecimentos não apenas desafiam categorias disciplinares, mas também convidam a universidade a repensar as relações que estabelece com mestres e mestras e seus modos de legitimar o conhecimento.
Palavras-chave: etnomusicologia aplicada; *story-ing*; escuta; epistemologias indígenas; contracolonização.

LISTENING TO THE LAND, NAMING THE STRUGGLE, INHABITING THE UNIVERSITY:
A Counter-Colonial Story-ing with D. Mayá, Nêgo Bispo, and Spirito Santo

Abstract
This article emerges from a dialogue with D. Mayá Pataxó Hã Hã Hãe, Nêgo Bispo, and Spirito Santo, based on the panel "Masters of *Notório Saber*", held during the joint symposium of the ICTMD Study Groups on Applied Ethnomusicology and Music and Dance of Latin America and the Caribbean (LatCar), in Rio de Janeiro, Brazil, in 2022. It examines how their ways of singing, speaking, and teaching transformed relationships of listening and challenged key assumptions of applied

[1]O simpósio conjunto foi realizado em formato híbrido, no Rio de Janeiro (19–24/09/2022) e em Santiago do Chile (26/09 – 1/10/2022), enquanto 2. Simpósio internacional de ICTMD – LATCAR. No Rio de Janeiro, a programação privilegiou os debates em Etnomusicologia Aplicada, incorporando as sessões do LAT CAR; em Santiago, o foco voltou-se às músicas e danças da América Latina e do Caribe.

ethnomusicology. To do so, the article adopts *story-ing*—a practice of narrating with, rather than about, others—proposed by Elizabeth Mackinlay, in dialogue with Linda Tuhiwai Smith's Indigenous epistemologies, Wanda Pillow's concept of uncomfortable reflexivity, and Jeff Corntassel's notion of resurgence. Drawing on these perspectives, it seeks to make explicit—rather than resolve—the tensions inherent in research, following the shifts generated through the encounter and understanding listening as a relational practice of knowledge-making. D. Mayá's call for an education rooted in the *Encantados*, Nêgo Bispo's contracolonial thought, and Spirito Santo's critique of academic exclusion demonstrate that these forms of knowledge not only challenge disciplinary categories but also invite universities to rethink the relationships they establish with traditional knowledge holders, as well as their own ways of listening, teaching, and legitimizing knowledge.
Keywords: applied ethnomusicology; *story-ing*; listening; Indigenous epistemologies; afro-diasporic knowledge.

ESCUCHAR LA TIERRA, NOMBRAR LA LUCHA, HABITAR LA UNIVERSIDAD:
Un *Story-ing* Contracolonial con D. Mayá, Nêgo Bispo y Spirito Santo

Resumen
Este artículo surge del diálogo con D. Mayá Pataxó Hã Hã Hãe, Nêgo Bispo y Spirito Santo, a partir de la mesa "Maestros del Saber Reconocido", realizada durante el Simposio de los Grupos de Estudio en Etnomusicología Aplicada y de Música y Danza de América Latina (LatCar) del ICTMD, celebrado en Río de Janeiro en 2022. El objetivo es comprender cómo sus formas de cantar, hablar y enseñar transformaron las relaciones de escucha y desafiaron los presupuestos de la etnomusicología aplicada. Para ello, el artículo adopta el story-ing —una práctica de narrar con y no narrar sobre— propuesta por Elizabeth Mackinlay, en diálogo con las epistemologías indígenas de Linda Tuhiwai Smith, la reflexividad incómoda de Wanda Pillow y la noción de resurgencia de Jeff Corntassel. En diálogo con estas perspectivas, el artículo busca hacer explícitas —y no resolver— las tensiones inherentes a la investigación, acompañando los desplazamientos producidos por el encuentro y comprendiendo la escucha como una práctica relacional de producción de conocimiento. El llamado de D. Mayá a una educación arraigada en los Encantados, el pensamiento contracolonial de Nêgo Bispo y la crítica de Spirito Santo a las exclusiones académicas evidencian que estos conocimientos no solo desafían las categorías disciplinares, sino que también invitan a la universidad a repensar las relaciones que establece con los maestros y maestras y sus modos de legitimar el conocimiento.
Palabras clave: etnomusicología aplicada; story-ing; escucha; epistemologías indígenas; contracolonización.

Prólogo – Começos desobedientes

Começo este texto reconhecendo o terreno contestado que ocupo. Durante muito tempo pensei que bastaria organizar minhas anotações do simpósio, retornar aos registros audiovisuais[2] e transcrever as falas de D. Mayá, Nêgo Bispo e Spirito Santo. Mas, a cada escuta, algo escapava.

[2]As falas de D. Mayá, Nêgo Bispo e Spirito Santo citadas foram registradas em vídeo durante o simpósio e posteriormente transcritas pela autora. Para atender à construção narrativa do *story-ing*, algumas falas foram reorganizadas e deslocadas de sua sequência original, preservando seu conteúdo, contexto e sentido. Também foram realizados ajustes mínimos de pontuação e edição textual, para favorecer a fluidez da leitura, conforme as premissas da transposição da oralidade para a escrita (Zumthor, 1983), mantendo suas características originais.

As palavras pareciam obedecer às convenções da escrita científica, enquanto as vozes que eu havia escutado insistiam em outro ritmo. Percebi que o problema não estava apenas naquilo que eu queria dizer, mas na forma como havia aprendido a escrever.

Foi então que encontrei a metodologia de *story-ing*, - entendido neste artigo como uma prática de *narrar com* e não *narrar sobre* - proposta pela pesquisadora australiana Elizabeth Mackinlay em *Decolonization and Applied Ethnomusicology: Story-ing the Personal-Political-Possible in Our Work* (2015). Mackinlay nos lembra que histórias não são ilustrações da teoria; elas próprias produzem teoria. Ao discutir a etnomusicologia aplicada[3], ela mostra que, apesar de seu compromisso declarado com a justiça social, a disciplina continua operando, muitas vezes, dentro de estruturas coloniais que precisam ser ativamente desmanteladas. Mas, ao contrário de Mackinlay, que escreve assumindo sua posição como *white settler colonial* — uma colonizadora branca estabelecida na Austrália —, escrevo de outro lugar. Um lugar que ainda não sei nomear completamente, porque a experiência colonial latino-americana produz categorias, territorialidades e modos de existência que nem sempre encontram correspondência nos referenciais teóricos mais difundidos.

Este não é um texto *sobre* D. Mayá Pataxó Hã Hã Hãe, Nêgo Bispo e Spirito Santo. Tampouco pretende transformar suas palavras em objetos de análise ou em teorias a serem incorporadas ao discurso acadêmico. É um texto que procura atuar na construção de uma escuta atenta, permanecendo nas relações que seus modos de ensinar tornaram possíveis e nas exigências que esses encontros passaram a colocar para a própria redefinição dos paradigmas da pesquisa. A diferença é crucial. Wanda Pillow (2003) chama esse movimento de "reflexividade desconfortável": uma reflexividade que não busca catarse nem cura, mas expõe os limites do que podemos saber. Em vez de resolver os problemas da representação, da voz e do poder, ela propõe permanecer dentro deles. A reflexividade desconfortável não busca oferecer uma solução metodológica, mas permanecer diante das tensões que a pesquisa produz.

[3] A crítica às bases coloniais da etnomusicologia é desenvolvida por vários autores. Kofi Agawu, questiona a separação entre musicologia e etnomusicologia, argumentando que a música africana deve ser estudada com o mesmo estatuto analítico concedido ao repertório ocidental (Agawu, 2016). Wim van der Meer (*Beyond the Binary: Toward a Cultural Musicology*, no prelo) propõe superar o binarismo por meio de uma "musicologia cultural", como abordagem que trata toda música como igualmente disponível à interpretação humanística.

Este artigo dialoga com a crítica da pesquisadora maori Linda Tuhiwai Smith[4] (2019), às formas coloniais de produzir pesquisa e com sua defesa de metodologias comprometidas com as prioridades e relações dos povos indígenas. Busca, assim, construir uma escrita atenta às relações, aos deslocamentos e às exigências éticas produzidas pelo próprio encontro. Mais do que incorporar conhecimentos indígenas ao debate acadêmico, trata-se de reconhecer que eles interrogam as próprias condições em que a pesquisa é produzida e legitimada.

No ano de 2022, o Grupo de Estudos de Etnomusicologia Aplicada realizou seu primeiro encontro na América Latina. Depois de sete simpósios na Europa, Ásia e África, chegava ao Rio de Janeiro em parceria com o Grupo de Estudos LatCar, deslocando o centro das discussões para os saberes e práticas de povos indígenas e de comunidades afro-diaspóricas, reafirmando seu compromisso com formas colaborativas de pesquisa e transformação social[5]. Naquele simpósio, percebi que a chave não entrava na fechadura da porta. Havia pesquisadores de algumas partes do mundo espalhados pelo auditório e os pequenos quadrados da plataforma virtual, acompanhando as transmissões simultâneas. Uns tomavam notas; outros apenas escutavam. Apesar da distância, tive a impressão de que todos compartilhávamos o mesmo deslocamento e desconforto. Enquanto os pesquisadores discutiam colaboração, ética e aplicação, modos de preservar acervos, etc., D. Mayá falava dos Encantados[6]. Nêgo Bispo falava de guerra contracolonial. Spirito Santo falava do direito de produzir conhecimento sem pedir licença à universidade. D. Mayá, Nêgo Bispo e Spirito Santo pareciam responder a perguntas que ninguém ali havia formulado.

O que acontece quando a etnomusicologia aplicada encontra pensadores que nunca pararam de aplicar seus saberes na luta pela terra? O que significa "aplicar" conhecimento quando a aplicação é a própria condição de existência?

---

[4] Linda Tuhiwai Smith é uma intelectual, educadora e pesquisadora maori, pertencente ao povo Ngāti Awa e afiliada a Ngāti Porou, de Aotearoa (Nova Zelândia). Sua obra *Decolonizing Methodologies: Research and Indigenous Peoples* (1999) tornou-se uma referência nos estudos indígenas ao questionar as metodologias de pesquisa herdadas do colonialismo e defender práticas de investigação comprometidas com as epistemologias, prioridades e autodeterminação dos povos indígenas.

[5] Applied Ethnomusicology study group do ICTMD disponível em https://www.ictmusic.org/studygroup/applied-ethnomusicology?utm_source=chatgpt.com

[6] Encantados são entidades ancestrais presentes nas cosmologias de diversos povos indígenas do Nordeste brasileiro. Não correspondem a figuras míticas ou metafóricas, mas a presenças que participam da vida coletiva, orientam o cuidado com o território, os rituais e os processos de aprendizagem. Em muitos contextos, sua presença é convocada por meio do canto, do Toré e de outras práticas cerimoniais.

Desde então, essas perguntas continuam me desconfortando. É desse desconforto - e não da pretensão de resolvê-lo - que nasce este *story-ing*, uma narrativa tecida no diálogo, na escuta e na abertura para aquilo que permanece impossível de conhecer por completo.

Vozes em Cena



Figura 1: Nêgo Bispo, Spirito Santo, Vincenzo Cambria, Rosângela Tugny, D. Maýa
Foto: Magda Pucci

Quem fala? Quem escuta?

Antes de entrar nos movimentos que organizam este *story-ing*, apresento as vozes que o conduzem. Diferentemente de Mackinlay, que constrói sua reflexão apenas com personagens alegóricos, esta narrativa coloca em cena vozes reais de D. Mayá, Nêgo Bispo e Spirito Santo e três personagens alegóricos que se entrecruzam ao longo do texto. As personagens reais não ilustram conceitos; elas os produzem. Os alegóricos existem apenas para tornar visíveis os deslocamentos que essas vozes reais provocam.

D. Mayá — Não é personagem alegórica. É Maria José Muniz Andrade Ribeiro, educadora do povo Pataxó Hã Hã Hãe, cujo território tradicional corresponde à Terra Indígena Caramuru-Paraguaçu, no sul da Bahia. Professora há quase quatro décadas, participou de

centenas de retomadas de seu território e escreveu o livro *A Escola da Reconquista*[7]. Sua escola não tem paredes fixas porque nasce do movimento. Seus professores são os Encantados, o território, os cantos e as crianças. Oferece uma educação na qual conhecimento, território e vida permanecem inseparáveis. Não veio ao simpósio para ser objeto de pesquisa. Veio ensinar.

Nêgo Bispo — Também não é alegoria. É Antônio Bispo dos Santos[8], quilombola do Saco-Curtume localizado no Piauí, agricultor, poeta, ativista, escritor e pensador contracolonial. Autor dos livros *Colonização, Quilombos: modos e significações* (Bispo, 2015) e *A terra dá, a terra quer* (Bispo, 2023). Não comparece ao simpósio para representar o quilombo, mas para demarcar um território conceitual. Quando distingue contracolonização de descolonização, não propõe uma nova categoria acadêmica. Nomeia uma condição histórica de existência. *Quilombola* designa os pertencentes às comunidades quilombolas, povos e comunidades tradicionais constituídos historicamente por pessoas negras que resistiram à escravidão e por seus descendentes. Em sua obra, Nêgo Bispo amplia essa compreensão ao apresentar o quilombo como um modo de vida, de organização comunitária e de produção de conhecimentos que permanece vivo no presente.

Spirito Santo — Também não é alegoria. Seu nome de batismo é Antonio José do Espírito Santo. É Doutor em Etnomusicologia pela UFRJ, por Notório Saber, e músico[9]. Desenvolve pesquisas há cinco décadas sobre as músicas de matrizes africanas no Brasil, em especial, sobre os vissungos. Segundo Spirito Santo, vissungos é o "nome pelo qual ficou conhecida uma manifestação cultural, essencialmente musical, praticada por africanos numa região determinada do estado de Minas Gerais, onde a Coroa portuguesa instalou, no início do século XVIII, um completo e bem planejado aparato para a extração de ouro e diamantes" (Santo, 2025). Suas pesquisas sobre o tema encontram-se reunidas no artigo *Na Lapa de*

[7]A página da Teia dos Povos apresenta o livro *A escola da reconquista* e reúne informações sobre o livro, o prefácio da obra e registros sonoros dos cantos de D. Mayá, permitindo que a experiência de leitura seja também uma experiência de escuta. Disponível em: https://teiadospovos.org/a-escola-da-reconquista/.

[8] Nêgo Bispo faleceu em dezembro de 2023. Este artigo preserva parte de sua participação no Simpósio do ICTMD Rio (2022), reconhecendo-a como expressão de um pensamento contracolonial que continua fecundando pesquisas, práticas educativas e modos de habitar o mundo.

[9] Spirito Santo é líder do Grupo Vissungo, dedicado à pesquisa e à performance de repertórios de matrizes africanas e afro-diaspóricas, como o jongo, o samba e a congada. Em suas apresentações, utiliza instrumentos construídos por ele próprio a partir de pesquisas etnomusicológicas e organológicas. Segundo Spirito Santo, o grupo também explora sonoridades que ele identifica como *afrobeat*, entendidas como continuidades de práticas musicais africanas anteriores à consolidação contemporânea desse gênero na Nigéria. Tal prática, ancorada em uma profunda *research-creation*, desafia as fronteiras entre teoria e vivência, apontando para as lacunas da etnomusicologia em sua escuta de saberes construídos fora dos círculos acadêmicos hegemônicos.

Makemba (Santo, 2025). Na oficina *Musikfabrik*, pesquisa e constrói instrumentos musicais que articulam organologia aplicada, pesquisa histórica, experimentação sonora, criação artística e formação de músicos, como uma metodologia viva e contracolonial de produção de conhecimento musical. Autor do livro *Do samba ao funk do Jorjão*, não chega ao simpósio como informante, mas como produtor de conhecimento[10].

Dra. Etnomusicologia Aplicada — Chegou ao Rio de Janeiro trazendo na mala Anthony Seeger[11], Samuel de Araújo[12], Jeff Todd Titon[13] entre outros(as) pesquisadores(as) e uma convicção sincera de que a etnomusicologia pode contribuir para um mundo mais justo. Acredita na pesquisa colaborativa, na ética compartilhada e na transformação social. Seu apelido será *Dra. Etno*. É por meio de seus deslocamentos, dúvidas e aprendizados que o leitor acompanhará a travessia narrativa deste *story-ing.*

Dr. Contracolonização — Alegórico. Não oferece respostas; desloca perguntas. Surge sempre que a universidade parece convencida de si mesma ou quando a Dra. Etno acredita ter encontrado um lugar confortável. Não fala em nome de Nêgo Bispo, mas insiste em lembrar que há pensamentos que não cabem nas categorias acadêmicas. Seu trabalho é simples: desarrumar certezas.

Mestre de Cultura Popular - Este personagem é alegórico. Não traduz idiomas. Traduz silêncios. Habita a encruzilhada entre a universidade e os terreiros, entre os artigos e a oralidade. Às vezes comenta. Às vezes ri. Às vezes basta levantar uma sobrancelha para desmontar uma teoria inteira. Ele conhece os dois mundos e, justamente por isso, pertence completamente a nenhum deles. Em vários momentos, será chamado apenas de Mestre.

[10] Para conhecer sua trajetória de vida e formação, ver o texto autobiográfico "Vida Pregressa", publicado por Spirito Santo em seu blog *SpiritoSolto* em https://spiritosanto.wordpress.com/2007/11/30/vida-pregressa.
[11] Anthony Seeger - antropólogo e etnomusicólogo norte-americano - propõe uma etnomusicologia fortemente ancorada na antropologia, na qual a música é compreendida como uma via privilegiada de entender a organização social, a cosmologia, a história e os processos culturais de um povo. Sua longa pesquisa com os Kĩsêdjê (Suyá), no Brasil Central, tornou-se uma referência para a disciplina.
[12] Samuel Araújo - etnomusicólogo brasileiro - desloca o foco da etnomusicologia do estudo da música como objeto para uma prática de pesquisa comprometida com o diálogo, a participação, o interesse público e a justiça social. A partir do Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ, desenvolveu uma abordagem conhecida como etnomusicologia dialógica, fundamentada na pesquisa colaborativa e na produção compartilhada do conhecimento.
[13] Jeff Todd Titon - etnomusicólogo norte-americano - compreende a música como uma prática humana dinâmica, e não apenas como uma estrutura sonora ou um objeto de análise. Sua perspectiva enfatiza a música como processo social, construído nas relações entre as pessoas, exigindo um trabalho de campo imersivo, reciprocidade e o compromisso de compreender quem faz música, por que a faz e o que ela significa em seu contexto de vida.

Com as vozes apresentadas, o *story-ing* pode começar. Ele se organiza em três movimentos, conduzidos pelas falas de D. Mayá, Nêgo Bispo e Spirito Santo. Seguem-se dois interlúdios de reflexão. Ao final, uma Coda retoma as inquietações que atravessam toda a narrativa, reconhecendo que algumas perguntas permanecem abertas.

Em vez de perguntar apenas o que D. Mayá, Nêgo Bispo e Spirito Santo disseram, comecei a me perguntar o que aconteceu quando seus modos de cantar, falar e ensinar encontraram aquele auditório. Como transformaram nossa escuta? Que relações passaram a existir? Que formas de conhecimento se tornaram possíveis a partir dali?

Abertura – Primeiro Movimento – Escutar a Terra

Cena 1 – Pedir licença

Dra. Etnomusicologia Aplicada está sentada na terceira fileira. Seu caderno está aberto, caneta na mão. Ela veio de longe para este simpósio. Leu o programa com entusiasmo: "ênfase em culturas afro-diaspóricas e originárias na América Latina". Finalmente, pensa ela, a etnomusicologia aplicada está prestando atenção ao Sul Global. O mediador encerra as apresentações formais. D. Mayá levanta-se e recebe o microfone. Espera-se que ela inicie sua fala. Mas ela começa cantando[14]. Só mais tarde compreenderíamos que o canto já era sua forma de tomar a palavra. Antes de qualquer argumento, pede licença, convoca nossas presenças e instaura outra forma de estar juntos naquele espaço:

Dá licença, dá licença,
eu pisar nos terreiros das praias.
Aonde canta o cacique, o pajé, o capitão.
Dandaruê, Dandaruê, Dandaruê.

Sou eu, juremê,[15]
sou eu, meu juremá.
Sou eu, juremê,
sou eu, meu juremá.

Eu venho lá de longe,
eu vim da beira do mar.

[14] Como a narrativa de D. Mayá é inseparável de seus cantos, recomenda-se também a escuta dos registros sonoros disponibilizados na página da Teia dos Povos dedicada ao livro *A escola da reconquista*. https://teiadospovos.org/a-escola-da-reconquista/

[15] *Juremê* remete ao universo cosmológico da Jurema Sagrada, presente em diferentes povos indígenas do Nordeste brasileiro. Nos cantos do Toré, sua invocação não constitui apenas uma referência simbólica, mas instaura uma relação com os Encantados e com o território, marcando a abertura de um tempo e de um espaço próprios.

Eu venho lá de longe,
eu vim da beira do mar.

Eu venho lá do mar,
eu vim pra trabalhar.
Eu venho lá do mar,
eu vim pra trabalhar.

Vamos lutar, meu povo,
pra estas guerras terminar.
Vamos lutar, meu povo,
pra estas guerras terminar.

Lá vem o sol,
lá vem a lua.
Lá vem o sol,
lá vem a lua.

É estrela do mar
que vem nos curar.
É estrela do mar
que vem nos guiar.
É estrela do mar
que vem clarear.
É estrela do mar
que vem nos salvar.

A plateia aplaude e se prepara para ouvir **D. Mayá**.

— Bom dia mesmo. Para dar início à atividade, nós, na nossa comunidade, primeiro pedimos permissão aos nossos Encantados. Pedimos permissão ao cacique e ao pajé. Sem essa permissão, eu não posso fazer nada nos lugares por onde ando. Sou da etnia Pataxó Hã Hã Hãe. Tenho 47 anos — mas na realidade tenho 74 [risos]. Sou professora há 38 anos.

Dra. Etnomusicologia Aplicada sorri com o humor de **D. Mayá**, mas ***Dr. Contracolonização*** a interrompe:

— Você ouviu o que ela disse? Ela pediu licença aos Encantados. Aos Encantados. Não ao moderador, não ao comitê científico. Aos Encantados. Isso não é protocolo. Não é retórica. É uma epistemologia inteira. É a afirmação de que há presenças neste espaço que nós não reconhecemos — e que são mais antigas do que qualquer instituição acadêmica.

O *Mestre da Cultura Popular* sorri de canto.

— Ela já falou tudo. — murmura, quase para si.

Cena 2 - D. Mayá e a Escola Nômade: Escutar para Reconquistar

D. Mayá conta a sua história:

— Sou uma professora que gosta muito de cantar, porque eu trabalho com crianças. Eu trabalho muito cantando com minhas crianças. É uma ordem, é uma aula que meus ancestrais deixaram (para mim), um compromisso que deixaram em minhas mãos para que eu pudesse fazer um trabalho dentro da minha comunidade. Não só na minha, mas em várias comunidades em que eu tenho feito trabalho. Trabalho na Teia dos Povos[16], lá com o pessoal do MST. Trabalho também em outras aldeias. Trabalho com municípios. E às vezes, também com universidades que aceitam o meu cantar.

O ***Mestre de Cultura Popular*** pensa com seus botões.

— Tem professor que começa pela chamada. Ela começa chamando os Encantados.

D. Mayá prossegue:

— E lá eu estou porque nós, indígenas, com a alegria e com a tristeza que temos em nossa comunidade, sabemos que o que alegra o nosso povo, a nossa comunidade, as nossas crianças e os nossos jovens são os nossos cantares. É a maneira como nós temos de falar para eles. Cantando se faz uma história, cantando se caminha contando essa história, cantando também a gente aprende a história.

Mas essa história de D. Mayá começa antes daquele simpósio. Em 1952, sua família foi expulsa do território Pataxó Hã Hã Hãe. Durante décadas, Lucília Muniz manteve viva a relação com os Encantados mesmo impedida de afirmar publicamente sua identidade indígena. Quando começaram as retomadas — processo de reocupação de territórios tradicionalmente indígenas dos quais haviam sido expulsos — D. Mayá compreendeu que recuperar a terra exigia também

[16] A Teia dos Povos é uma articulação de povos indígenas, comunidades quilombolas, camponesas e comunidades tradicionais, criada na Bahia, que reúne diferentes coletivos em torno da defesa dos territórios, da autonomia, da agroecologia e de formas comunitárias de existência. Para mais informações, consulte https://teiadospovos.org/.

recuperar as histórias que haviam sido arrancadas dela. Como muitas das áreas retomadas ainda não dispunham de escolas, sua prática educativa passou a acompanhar o próprio movimento da reconquista. (Tugny, 2022). A escola acompanhava as retomadas. Quando não havia prédio, havia árvores. Quando não havia sala de aula, havia reuniões, caminhadas e assembleias. A escola seguia existindo porque não dependia do edifício escolar. Dependia da continuidade da luta. Foi nesse contexto que a escola se tornou uma prática nômade da escuta.

Mestre da Cultura Popular se emociona ao ouvir a história de D. Mayá. Seu olhar percorre a sala. Os participantes estrangeiros acompanham atentamente sua fala por meio dos fones de tradução simultânea. Cada um/a escuta, em sua própria língua, as palavras daquela senhora que fala com firmeza e serenidade. Por um instante, ele percebe uma inversão rara: não é a liderança indígena que adapta sua voz ao espaço acadêmico; é a academia que mobiliza seus recursos para escutá-la.

E **D. Mayá** flui na sua fala:

— E, às vezes, o povo não conhece a nossa verdadeira história, porque os europeus não contaram nossa história. Eles só disseram que o Brasil foi descoberto em 1500. O que não é verdade. Foi uma invasão muito grande, muito grande. E quando se celebrou uma missa no dia 26 de abril do ano de 1500, quem estava lá participando foram os indígenas. Foram eles que estavam lá em cima das árvores, se perguntando uns aos outros: "O que ele está falando?", porque ele falava em latim.

— E quem somos nós, indígenas, para saber o que ele estava falando?

— E até hoje nós estamos pagando essa dor. Porque invadiram a nossa pátria, invadiram o nosso Brasil, destruíram todo o nosso território, carregando nossas madeiras, carregando o ouro que existia em nossas aldeias e comunidades.

— E hoje, eles dizem que os autores do roubo são os indígenas, são os quilombolas… São os pequenos que recebem o nome de ladrão.

Nêgo Bispo olha com respeito para D. Mayá.

- Nós fizemos 396 retomadas[17]. Cada retomada era uma aula. Uma aula de história — a história verdadeira, não a dos livros. Uma aula de direito — o direito de existir. Uma aula de espiritualidade — a força dos Encantados que nos acompanhavam.

Dr. Contracolonização olha para Mayá e percebe que as 396 retomadas não são 'projeto'. A reconquista não é um evento passado, mas um processo contínuo.

— Mas nós não ficamos tristes por isso, não. Porque eles pensaram que eles tinham acabado com toda a nação. Mas ainda tinha um povo escondido nas raízes, nas pedras, que começou aos poucos a se mostrar, a aparecer, dizendo: "Nós ainda existimos. Nós ainda somos povos que estamos aqui, dizendo que estamos vivos. Morreram nossos antepassados, mas ainda ficou alguém para contar a nossa história."

Dr. Contracolonização balançava a cabeça, entendendo bem o que aquela mulher dizia…

— Então, a professora Maria Muniz é uma contadora de histórias que acompanhou a minha comunidade Pataxó Hã-Hã-Hãe em 396 retomadas, quando os latifundiários, os fazendeiros e os garimpeiros estavam lá dizendo que os ladrões estavam chegando para tomar terra. E eu estava lá dizendo que aquele povo não estava roubando. Estava reivindicando o seu direito. Aquele direito que é nosso, aquele direito que é meu também.

A plateia se emociona. ***Dra. Etno*** percebe que a narrativa de D. Mayá não pede confirmação. Exige outra forma de escuta.

Cena 3 – Um diálogo nos corredores com a Dra. Etno e D. Mayá

Dra. Etno decide conversar com D. Mayá, de tão entusiasmada que ficou com a fala dela.

— Mestra Mayá, de onde vem esse jeito de ensinar?

Mestra Mayá responde com outra pergunta:

— Você sabe escutar a terra?

[17] O número de 396 retomadas refere-se ao processo contínuo de recuperação do Território Indígena Caramuru-Paraguaçu, na Bahia, conduzido pelo povo Pataxó Hã Hã Hãe ao longo de décadas. Conforme relata Rosângela Pereira de Tugny (2022), somente em 2012, após a retomada de 396 fazendas, o Supremo Tribunal Federal declarou a nulidade dos títulos de propriedade concedidos ilegalmente aos invasores, reconhecendo os direitos do povo Pataxó Hã Hã Hãe sobre a T.I. Caramuru-Paraguaçu (ca. 54 mil hectares). Contudo, a luta não se encerrou com a decisão judicial: as retomadas e a defesa do território permanecem como práticas contínuas de resistência.

A ***Dra. Etno*** hesita. Sua formação lhe ensinou a escutar cantos, narrativas, observar performances, ouvir silêncios e perceber relações. Gravadores, cadernos de campo e transcrições eram apenas parte desse aprendizado. Mas escutar a terra? Escutar os Encantados? Ninguém lhe ensinara a pôr o ouvido no chão.

Mestra Mayá fala da pedagogia do canto:

— Minha voz vem dos cantos que chegam até o meu povo. É uma voz que aprendeu a escutar a terra. Eu boto o ouvido no chão, escuto seu chamado, seu gemido, e é ela quem vai mostrando os caminhos. Na comunidade, nós trabalhamos com as quatro fases da lua: a lua crescente, a lua cheia, a lua minguante e a lua nova. Essas quatro missões que nós temos. Todos os finais de semana, às sextas-feiras, em nossa aldeia, para falarmos e fazermos com nossos jovens e nossas crianças.

O ***Mestre da Cultura Popular*** sorri.

— Tem coisa que a terra responde baixinho. Por isso é preciso encostar o ouvido nela.

Dra. Etno escreve no caderno: "Calendário pedagógico lunar. Ritmo da terra como estrutura curricular". E então risca tudo. Ela percebe que está tentando transformar o ensinamento de D. Mayá em categoria acadêmica.

E **D. Mayá** continua a falar do seu ofício, num fluxo contínuo.

— E digo para vocês: sou professora, mas nunca tive essas mesas bonitas. Nunca tive cadeira para meus alunos. Fui a professora de 'pé no chão'. É por isso que esta professora está aqui, sempre de pé no chão. Ensinei debaixo de pé de árvore: jaqueira, mangueira, cajueiro. Ensinei à beira de rio, em casa de farinha, na casa dos pais. Essa era a minha sala de aula.

— O trabalho dessa professora foi esse. E eu sei, tenho orgulho e tenho prazer em dizer que tenho alunos doutores. Tenho alunos médicos, advogados…Tenho alunos que hoje são meus colegas professores. Tenho alunos enfermeiros e enfermeiras. E eles aprenderam sentados no chão, debaixo de pé de árvore. O mais importante é que eles sabem quem são. Sabem de onde vêm. Sabem cantar para os Encantados.

Silêncio

Cena 4 – O chão se move

A ***Dra. Etno*** tenta reconstruir a fala de D. Mayá. Risca palavras. Volta páginas do caderno. Procura lembrar a letra dos cantos. Desiste.

— Não vou conseguir escrever tudo...

Pela primeira vez, percebe que sua escrita corre mais devagar do que a memória daquela mulher.

Dr. Contracolonização aparece ao seu lado.

— Você ainda está procurando um conceito?

A ***Dra. Etno*** permanece em silêncio.

— D. Mayá não lhe entregou um conceito. Entregou uma vida inteira. Sem retomada não há escola. A escola é a própria reconquista.

Dra. Etnomusicologia Aplicada sente o chão se mover. Ela sempre acreditou que a etnomusicologia aplicada pudesse construir conhecimento com as comunidades. Pela primeira vez, percebe que a própria ideia de "aplicação" lhe parece pequena diante daquilo que Mayá acabara de narrar. Ao término da fala de meia hora de D. Mayá, o mediador lança um olhar apreensivo para o relógio. Visivelmente constrangido, pede aos palestrantes que procurem ser mais breves em suas intervenções, explicando que o tempo disponível será insuficiente para que todos possam falar e, ainda assim, haja espaço para o diálogo com o público.

Mestre de Cultura Popular diz: (baixinho):

— O cronograma não sabe cantar.

Depois do tempo dos Encantados, chega o tempo da palavra do quilombola da encruzilhada, da confluência…

Segundo Movimento – Nomear a Luta

Cena 1 – Agora o quilombo toma a palavra

O pedido do mediador para abreviar as falas parece não combinar com **Nêgo Bispo**. Enquanto o microfone não chega às suas mãos, ele se remexe na cadeira, olha para o relógio e depois para

a plateia. Quando finalmente o recebe, não agradece o convite, não apresenta um currículo. Começa falando.

— Vivas, vivas, porque todas as vidas são necessárias. Quando nós falamos tagarelando e quando escrevemos mal ortografado, quando nós cantamos desafinando e dançamos descompassado, quando nós pintamos, borrando o que desenhamos enviesado, não é porque estamos errando, é porque não fomos colonizados.

Silêncio.

O ***Mestre da Cultura Popular*** sorri.

— Esse homem começa derrubando a cerca.

Nêgo Bispo continua:

— Então, na verdade, quando o Pedro[18] me convidou para esse evento, eu falei o que eu tenho falado muito ultimamente. Nós temos muitas pessoas nos quilombos, nas aldeias, nas comunidades de fundo de pasto, nos mangues, enfim, nas florestas, nós temos muitas pessoas que guardam um saber muito necessário nesse momento. Mas nós também temos muitas pessoas nas universidades, em outros lugares, dizendo, olha, como fazer para preservar esse saber? Como fazer para que esse saber não desapareça? É simples, você só preserva um saber preservando a guardiã ou o guardião desse saber, porque o nosso saber não está nas prateleiras, está na memória, e as memórias estão conosco, estão no nosso corpo, como um todo, em todos os nossos sentidos.

— É por isso que, quando me convidam para falar, quase sempre respondo indicando outros mestres. Quando me perguntaram se eu queria levar um discípulo, um professor colaborador.

Eu disse: "Não tenho discípulo nenhum. Professor colaborador também não. Eu tenho mestre". Pensei logo em Naldo de Lima[19]. *O saber não mora numa pessoa só***.**

[18]Pedro Mendonça, pesquisador em Etnomusicologia e Educação Musical e co-organizador, do Simpósio Conjunto dos Grupos de Estudos de Etnomusicologia Aplicada e LatCar do ICTMD, Rio de Janeiro em 2022.

[19] Mestre Naldinho (Arnaldo de Lima) é cantor, mestre da cultura popular da comunidade quilombola de Custaneira (Paquetá, PI), cantador, rezador e guardião de importantes tradições afro-brasileiras. É uma das referências evocadas por Nêgo Bispo ao defender que o conhecimento deve ser compartilhado entre os muitos mestres e mestras que o preservam em seus territórios.

O ***Mestre da Cultura Popular*** permanece pensativo. Depois de um longo silêncio, murmura:
— Agora ele rasgou a pele.
A recusa de Nêgo em ocupar sozinho o lugar de porta-voz não era um gesto de modéstia. Era uma crítica ao modo como a universidade costuma individualizar conhecimentos construídos coletivamente.

Nêgo Bispo prossegue e nomeia aquilo que vinha preparando desde o início de sua fala:
— Colonização, para nós, são todos os processos etnocêntricos de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação e até de substituição de uma cultura pela outra, independentemente do território geográfico. E chamamos contracolonização todos os processos de resistência e luta em defesa dos territórios dos povos contracolonizadores, seus símbolos, significações e modos de vida.

Dra. Etno anota rapidamente: contracolonização ≠ descolonização. Sublinha duas vezes. Aquela distinção a desestabiliza. Durante anos, aprendera a pensar a descolonização como horizonte ético da pesquisa, da escuta e da colaboração. Mas Nêgo Bispo parecia deslocar completamente a conversa. Não falava de metodologias. Falava de uma história contínua de invasão, resistência e permanência. Algo nesta distinção a incomoda. Ela sempre usou "descolonizar" como verbo progressista. Descolonizar metodologias, descolonizar o arquivo, descolonizar a escuta. Mas Nêgo Bispo não está falando de metodologias. Ele está falando de guerra.

Dr. Contracolonização se aproxima.
— Você ainda está procurando o termo certo, ou qual prefixo usar. Nêgo Bispo não está. Ele está nomeando uma luta. Enquanto a universidade discute palavras, os povos quilombolas continuam discutindo como existir.

Cena 2 – Palavras de arame farpado
Nêgo Bispo continua com sua fala pontiaguda

— Uma pessoa da área de História, de Geografia, ou das Ciências Sociais, ou Política, quer saber se o quilombo é anarquista, se o quilombo é comunista, se o quilombo é democrático, se o quilombo é machista, se o quilombo é "qualquerista", aí ele quer saber isso. Então, ele está graduado e quer saber isso em uma especialização, em um mestrado ou em um doutoramento. Como é que ele faz? Vai procurar uma pessoa para 'orientar'... A pessoa que ele vai procurar para orientar dificilmente sabe. Aí o que vai fazer? O óbvio! Manda perguntar no quilombo. Então, o orientador e a orientadora não sabem, são pessoas desorientadas, mas mandam perguntar no quilombo.

Dr. Contracolonização percebe que **Nêgo Bispo** está afiando mais ainda suas palavras.
— O pesquisador chega aqui "orientado" pelo desorientador. A gente ensina o que sabe, ele volta para defender a tese. A gente faz uma comida boa para ele, espera nas nossas casas, trata ele muito bem. Aí ele volta e vai para a banca para ser aprovado. A gente é que vai aprovar ele na banca? Não. E quem aprova? A gente? Não. Quem aprova é o orientador, que muitas vezes aprendeu com aquilo que nós ensinamos. Depois ele assina embaixo e diz que o saber é dele.

E **Bispo** continua:
— E transforma esse saber em mercadoria. Isso é a mercantilização do saber. Isso é a maior violência que quem se autointitula de humanidade pratica, é roubar o saber e transformar em mercadoria.

Mestre da Cultura Popular levanta a sobrancelha, ressabiado e olha para a plateia, repleta de pesquisadores que provavelmente passaram por algo parecido.
Enquanto o escutava, ***Dra. Etno*** recordou-se de Linda Tuhiwai Smith. Sua crítica às metodologias coloniais ganhava ali uma concretude inesperada. Nêgo Bispo não discutia apenas outra metodologia; afirmava um outro lugar de enunciação, no qual a própria ideia de conhecimento deixava de depender da validação da universidade.

Nêgo Bispo perfura mais ainda com suas palavras…
— Eu me recuso a receber todo e qualquer título de todas e qualquer universidade do mundo. Não existe uma universidade no mundo que tenha dignidade para carimbar o saber de Mãe

Joana[20], para carimbar o saber do Nordeste. Esse saber não é meu. Na hora que eu aceitar o título, eu estou individualizando o saber, eu estou carimbando, eu estou mercantilizando o saber. Dai me dizem: "Mas você tem que receber o título para dar aula". E eu digo: Como professor visitante, não estou pedindo para dar aula para ninguém, de jeito nenhum.

Um burburinho atravessa a plateia. Alguns participantes se entreolham. Talvez a tradução simultânea ainda estivesse chegando aos fones de ouvido ou talvez o impacto das palavras exigisse um tempo maior de assimilação.

Nêgo Bispo segue:

— Nós estamos num momento, como diz Naldinho, de ressuscitar. Nós estamos ressuscitando a sociedade afro-pagã ou pagã-politeísta.

— E aí o Apocalipse está acontecendo, é o fim do mundo das teorias. E o mundo que está começando ou se reeditando. É o mundo das cosmologias! E aí eles pediram, através das escrituras, o fim do mundo. Chamou, ele veio. E nós pedimos, através da oralidade, o começo do mundo. Chamamos, ele veio.

As palavras de **Nêgo Bispo** soam como arame farpado: demarcam territórios e feriam qualquer tentativa de atravessá-los sem reconhecer de quem era a terra. O auditório permanece alguns instantes em silêncio. As palavras de Bispo continuavam suspensas no ar quando o mediador passa o microfone para o Spirito Santo falar.

O ***Mestre da Cultura Popular*** ouve a voz que veio do quilombo. E agora se volta para a outra história, nascida no subúrbio carioca.

— A geografia é outra. A luta é a mesma.

Terceiro Movimento – Habitar a Universidade

Cena 1 – Um estranho no ninho

Aos 75 anos, **Spirito Santo** apresentou-se sem rodeios:

[20] Mãe Joana foi uma das principais mestras na formação de Nêgo Bispo. Seus ensinamentos influenciaram profundamente sua compreensão da terra, da comunidade e da contracolonização. O título do livro *A terra dá, a terra quer,* remete a um ensinamento recebido dela.

— Eu sou, aqui nessa mesa, uma espécie de estranho no ninho. Eu sou o mais velho dessa mesa. Sou um cidadão brasileiro, negro, pobre, suburbano. Tive uma infância muito pobre, eu diria miserável mesmo. Eu não tive infância, para começar. Eu fui internado num colégio interno do SAM, que era um serviço de assistência a menores, para vocês entenderem, a FUNABEM e a Fundação Casa de São Paulo. A minha infância foi passada nesse contexto. E minha mãe, vinda da roça (...) semialfabetizada, me levava gibis, e depois me levava livros. E foram com esses livros, romances populares, que a minha cabeça se formou nesse sentido de estudar coisas. Eu tive uma vida também muito complicada e difícil, porque eu fui um rebelde com 19 anos. Eu estive preso nas cadeias da ditadura.

— Eu era um artista todo jovem... E foi por esse caminho que eu fui me tornando uma pessoa que pesquisava. Eu virei um músico que pesquisava. E, na pesquisa, fui virando uma pessoa muito parecida com os acadêmicos, os estudantes, os universitários etc.

Sua narrativa se desenrola, como um rio que desbrava caminhos impensáveis. Era possível sentir a complexidade da história brasileira pulsando em suas palavras, percebendo que a contracolonização não se restringe a fronteiras territoriais ou identitárias estritas.

— Eu fui operário metalúrgico, imaginem! Então, toda essa trajetória, junto com essa cabeça de artista e com essa intenção de não ser "o outro", não ser o objeto de estudos, é o que me leva aqui. Eu tenho vivido, nos últimos dez anos, convivendo intensamente com acadêmicos. Eu tenho amigos, muitos amigos, doutores, nesse tempo todo. Tenho escrito muito, escrito livros, artigos e tal. Ou seja, eu tenho convivido intensamente com esse meio, mas só agora, aos 75 anos, é que esse meio me reconhece de alguma forma. E ganhar o Notório Saber pela UFRJ foi um reconhecimento, assim, muito emblemático[21]. Acho que todas as pessoas deviam assistir o vídeo, porque a sessão de titulação foi filmada[22].

— Eu não queria ser um convidado a ser um informante na academia (...). Eu quero ser, eu mesmo, o próprio informante... só agora, aos 75 anos, é que esse meio me reconhece de alguma forma.

[21] Em 15 de maio de 2023, a UFRJ concedeu o título Doutor Notório Saber a Antônio José do Espírito Santo - Spirito Santo. A iniciativa constituiu um marco institucional: foi a primeira vez, em seus 175 anos de história, que a Escola de Música da UFRJ encaminhou ao Conselho Universitário a proposta de concessão deste título. https://musica.ufrj.br/2023/05/05/a-luta-e-musica-de-spirito-santo-uma-historia-de-notorio-saber/

[22] A cerimônia de concessão do título de Notório Saber a Spirito Santo foi registrada em vídeo e está disponível no canal TV Suat. O registro pode ser acessado em: https://youtu.be/IqJfr6YiaCQ?si=YuYyKGlJn3Qpf3Vl

As palavras de **Spirito Santo** fazem a ***Dra. Etno*** revisitar uma questão clássica da etnomusicologia — a representação e a voz do "outro" na pesquisa etnomusicológica. Mas, naquele momento, o problema deixava de ser apenas um debate disciplinar. Diante dela, um músico-pesquisador tomava a palavra e deslocava o próprio lugar de onde o conhecimento era enunciado.

Spirito Santo continua traçando a linha de sua relação conflituosa com o mundo acadêmico que agora o reconhece como Doutor em Etnomusicologia por Notório Saber.

— O conhecimento brasileiro não são "saberes isolados", são conhecimentos. A gente vive uma esquizofrenia na academia, que é de julgar que os saberes da Europa — como se fossemos "falsos europeus" — são hegemônicos... E estamos nós, aqui, ocupando um mínimo espaço. Muito mínimo, aliás.

O ***Mestre da Cultura Popular*** sorri de lado.

— A casa é nossa. O espelho é que ainda é europeu.

Cena 2 – O título não basta

Como se a conversa da mesa ainda continuasse dentro dela, a voz de **Nêgo Bispo** reaparece:

— Nós precisamos urgentemente respeitar as guardiãs e os guardiões do saber, **mas com condições.** Não é apenas dar um título de Notório Saber, não! É dar as condições para que essa pessoa pratique esse conhecimento enquanto estiver presente. Não é o título, é a condição. Eu, por exemplo, já fui abordado por várias pessoas de várias universidades para ter esse título. Não quero.

Spirito Santo olha para Bispo antes de retomar a palavra.

— O Notório Saber é um documento maravilhoso para se entender o grau de exclusão que a academia brasileira pratica contra os outros. Quando a gente chama de Notório Saber, doutor e tal, na prática, nada mudou, a gente continua a ser "os outros" que chegam para informar algumas coisas precariamente.

Ele faz uma breve pausa e continua:

— É necessário que alunos negros tenham professores negros, e também indígenas. Necessariamente... Temos uma política de cotas na universidade. Em algum grau social…

pessoas negras ingressaram na universidade, mas essa universidade continua a ser predominantemente branca. Quem forma os negros e indígenas que entram na universidade são as mesmas pessoas. Então, de alguma forma, há um simbolismo aqui nessa mesa de que é necessário, com muita urgência, transformar isso, porque senão teremos negros sendo doutrinados. Na África se diz 'assimilados', transformados em brancos. Na prática, entram negro e sairão 'brancos doutores' do outro lado.

Spirito conclui:

— A gente precisa inserir, de alguma forma, os detentores de conhecimento no contexto acadêmico. O Notório Saber é uma possibilidade, mas não basta. Importante é que a gente esteja lá dentro, não apenas cantando e dançando, para que o Brasil tenha uma universidade melhor.

A reivindicação de Spirito Santo aproxima-se da crítica formulada por Linda Tuhiwai Smith: não basta ampliar a participação indígena e negra na universidade se as formas de produzir e legitimar conhecimento permanecem inalteradas.

Dr. Contracolonização observa:

— Spirito Santo quer transformar a universidade por dentro. Bispo prefere que ela deixe de achar que pode carimbar o saber. Não estão em lados opostos. Estão olhando para a mesma ferida por lugares diferentes.

Dra. Etno reflete e surge uma pergunta:

— Se a universidade continua ensinando todos a partir das mesmas categorias, que relações precisam mudar para que outros modos de conhecer possam realmente existir ali?

Mestre comenta:

— Há perguntas que não pedem respostas imediatas. Permanecem rondando a gente até transformarem nosso modo de escutar.

Enquanto Spirito Santo encerrava sua fala, meu olhar percorreu a plateia. A maioria dos rostos era branca. Naquele instante, compreendi que suas palavras não eram apenas uma crítica às instituições, mas um convite para repensar quem ocupa os espaços de produção do

conhecimento — e quem ainda permanece à margem deles. D. Mayá pediu novamente a palavra. Em vez de retomar a discussão sobre o reconhecimento institucional, ela deslocou o centro da conversa para outro lugar: o sentido de aprender e de ensinar.

D. Mayá deixa o título repousar sobre a mesa. O que lhe interessa é outra conversa.

— Nós estamos aqui para uma troca de experiências. Estamos aqui para falar, mas também para aprender. Não podemos dizer que somos os sábios dos mais sábios. Cada um tem o seu jeito de ser.

— Eu sou indígena, mas respeito também o não indígena. Tem muito não indígena que está sempre ao nosso lado, ajudando a divulgar a nossa história. Então não podemos ser egoístas. Temos que fazer uma luta amorosa, calorosa, cheia de afeto, cheia de amor. E aprender a ser humildes.

— Minha mãe não sabia uma letra sequer. Quando ela dizia: "Minha filha, eu não sei ler", eu respondia: "A senhora não é analfabeta. A senhora tem escolaridade. Porque a senhora está me ensinando. Está me ensinando como andar no mundo. Está me ensinando todas as letras do seu alfabeto".

— Às vezes perguntam por que estou recebendo o título de doutora. Eu respondo que não estou preocupada com esse título. Acho que estou recebendo porque tenho competência para recebê-lo. Porque estou falando para o meu povo, mas também para a humanidade, para o Brasil. Falando sobre respeito, humildade e sobre como podemos aprender uns com os outros.

O ***Mestre da Cultura Popular*** permanece alguns segundos em silêncio. Depois sorri.

— A universidade entregou um título. D. Mayá devolveu uma lição.

O encontro terminara, mas sua escuta permanecia aberta.

Interlúdio I – Deslocamentos: Sobre o que não posso saber

Dra. Etno está em seu quarto de hotel. Ela tem páginas e páginas de notas. Mas algo a incomoda profundamente. Ela relê Wanda Pillow e entende na pele o que é reflexividade desconfortável. Ela não busca catarse nem cura; ela expõe os limites do que podemos saber. O desconforto não

é um obstáculo a ser superado, mas a própria condição ética da pesquisa. Em seguida, folheia o livro de Nêgo Bispo[23]. Seu pensamento a desestabiliza e, ao mesmo tempo, amplia seu horizonte. Aos poucos, percebe que passou o simpósio inteiro tentando "entender" D. Mayá, Nêgo Bispo e Spirito Santo. Tentando traduzir seus pensamentos para categorias acadêmicas. Tentando encontrar um lugar confortável para si mesma naquela conversa.
Mas e se não houver lugar confortável?

Dr. Contracolonização senta-se ao seu lado:
— Você está começando a entender. D. Mayá ensina através da escuta dos Encantados. Você pode escutá-los? Nêgo Bispo fala desde o Quilombo Saco-Curtume, desde a terra que dá e que quer. Você tem terra? O que está disposta a perder?

Dra. Etno percebe que tem buscado exatamente isso: uma forma de se sentir bem consigo mesma, de se ver como 'aliada', sem ter que abrir mão de nada. Talvez fosse essa a "inocência colonizadora" de que fala Mackinlay (2015).

Dr. Contracolonização sorri discretamente.
— Talvez 'aliada' ainda seja uma palavra da universidade. Nêgo Bispo prefere outra: confluente.

A ***Dra. Etno*** o encara, intrigada.
— Confluente?
— Dois rios confluem sem deixar de ser rios. Nenhum abandona sua nascente. Nenhum absorve o outro. Depois do encontro, ambos seguem adiante mais fortalecidos. Talvez seja isso que Nêgo Bispo esteja propondo. Não alguém que fale pelo outro, nem alguém que venha salvá-lo. Mas alguém que seja capaz de confluir, preservando a força de cada caminho.

Mestre de Cultura Popular resume:
— Confluência não é concordância. É fortalecimento mútuo.

[23] Nêgo Bispo levava consigo exemplares da edição independente de *A terra dá, a terra quer*. Somente em 2023 a obra recebeu uma edição revista e ampliada, publicada pela Ubu Editora em parceria com a Piseagrama.

Dra. Etno permanece em silêncio. Pela primeira vez, percebe que seu desafio não era encontrar um lugar de fala, mas compreender que a escuta começa pelo reconhecimento das relações que aqueles encontros instauram. Há coisas que a ***Dra. Etno*** não pode saber.

Dr. Contracolonização abre um sorriso, e diz calmamente.

— É difícil escutar os Encantados quando não se cresceu entre eles nem se aprendeu a ouvir a terra como parte da vida cotidiana. Você não conhece a contracolonização porque ela não nasceu na universidade, mas nos territórios quilombolas atravessados pela luta diária. Tampouco conhece por dentro os caminhos pelos quais Spirito Santo aprendeu música: escutando os vissungos de Minas, construindo instrumentos africanos, pesquisando por conta própria e compartilhando esse conhecimento com jovens das comunidades do Rio.

Reconhecer esses limites não é derrotismo. É ética.

Mestre da Cultura Popular sorri discretamente.

— Escutar também é saber até onde a gente não alcança.

Não era mais o título de Notório Saber que ocupava o centro da conversa. Era a responsabilidade de colocar o conhecimento a serviço da vida.

Interlúdio II - Ressurgência: Caminhos de Futuridade

Foi apenas dias depois do fim do simpósio, ao reler minhas anotações, que encontrei no intelectual cherokee Jeff Corntassel uma palavra capaz de dialogar com aquilo que eu ainda tentava compreender: "ressurgência". Corntassel propõe substituir "reconciliação" por "ressurgência" (Corntassel, 2008, 12). Em seu artigo mais conhecido, *Toward Sustainable Self-Determination* (2008), ele argumenta que a autodeterminação não depende apenas do reconhecimento jurídico dos Estados. Ela se constrói diariamente por meio de práticas como: falar a língua indígena; cantar; realizar rituais; cuidar das sementes; ensinar as crianças; proteger os territórios; manter as formas próprias de alimentação e espiritualidade. Ele chama essas ações de "atos cotidianos de ressurgência" (*everyday acts of resurgence*). Resistir significa responder ao colonialismo. Ressurgir significa fortalecer aquilo que já pertence ao povo: os conhecimentos; as práticas culturais; os cantos; os parentescos; a espiritualidade; a relação com a terra. Ou seja, o foco deixa de ser o Estado e volta-se para a comunidade.

E é isso que D. Mayá e Nêgo Bispo são. Estão praticando ressurgência, pois não estão interessados em reconciliação com o Estado colonial. A escola nômade de D. Mayá é ressurgência. Os cantos dos Encantados são ressurgência. O pensamento contracolonial de Nêgo Bispo não se separa da prática quilombola que o produz; é nesse entrelaçamento que a ressurgência ganha forma. A presença de Spirito Santo na universidade — sem abrir mão de seus modos de aprender e ensinar música — também é ressurgência.

A ***Dra. Etno*** começa a perceber que a futuridade indígena e quilombola não depende da etnomusicologia. É a etnomusicologia que precisa decidir que relações deseja construir com essa futuridade. Enquanto a academia debate sua própria descolonização, **D. Mayá**, **Nêgo Bispo** e **Spirito Santo** seguem produzindo, em suas práticas cotidianas, formas de conhecer, de escutar e de existir que não aguardam validação acadêmica.

Coda: é hora de trabalhar

Antes de se despedir, **D. Mayá** volta-se ao auditório e faz um último chamado. Não é um encerramento. É uma convocação:

Oi, marinheiro, é hora,
é hora de trabalhar.

É o céu, é a terra, é o mar.
Oi, marinheiro, olha o balanço do mar.
Oi, meus guerreiros, é hora,
é hora de trabalhar.
Oi, minhas guerreiras, é hora,
é hora de trabalhar.[24]

Quando o auditório se esvazia, é o canto pataxó que permanece. Escutar a Terra talvez seja exatamente isso: aceitar que a escuta não começa quando compreendemos, mas quando aceitamos que há modos de conhecer que não nos pertencem e, ainda assim, podem transformar profundamente a maneira como pesquisamos, ensinamos e habitamos o mundo.

O trabalho continua.

[24] Como a narrativa de D. Mayá é inseparável de seus cantos, recomenda-se também a escuta dos registros sonoros disponibilizados na página da Teia dos Povos dedicada ao livro *A escola da reconquista*. https://teiadospovos.org/a-escola-da-reconquista/

Agradecimentos

Este texto é uma tentativa de escuta. Sou profundamente grata a D. Mayá, a Nêgo Bispo e a Spirito Santo pela generosidade com que compartilharam suas palavras naquele encontro. Suas falas, gravadas e posteriormente transcritas, constituem o coração desta narrativa. Agradeço a Pedrinho Macedo pelo esforço imenso de tornar possível financeiramente a presença de vários mestres e mestras cujos pensamentos continuam ecoando muito além daquele auditório. Às pesquisadoras Linda Tuhiwai Smith por me instigar a novas escutas e Elizabeth Mackinlay, pela inspiração para experimentar outras formas de escrever. Os limites e eventuais equívocos desta narrativa são de minha inteira responsabilidade.

Referencias

AGAWU, Kofi. **The African Imagination in Music**. New York: Oxford University Press, 2016.

ANDRADE, Maria Muniz de (Mestra Mayá). **A escola da reconquista**. Organização de Rosângela Pereira de Tugny. Arataca, BA: Teia dos Povos, 2021. Disponível em: https://teiadospovos.org/a-escola-da-reconquista/. Acesso em: 12 jul. 2026.

BISPO, Antônio dos Santos. **Colonização, quilombos, modos e significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

BISPO, Antônio dos Santos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

CORNTASSEL, Jeff. Toward Sustainable Self-Determination: Rethinking the Contemporary Indigenous-Rights Discourse. **Alternatives: Global, Local, Political**, v. 33, n. 1, p. 105-132, 2008.

CORNTASSEL, Jeff. Re-envisioning resurgence: Indigenous pathways to decolonization and sustainable self-determination. **Decolonization: Indigeneity, Education & Society**, v. 1, n. 1, p. 86-101, 2012.

MACKINLAY, Elizabeth. Decolonization and Applied Ethnomusicology: "Story-ing" the Personal-Political-Possible in Our Work. In: PETTAN, Svanibor; TITON, Jeff Todd (org.). **The Oxford Handbook of Applied Ethnomusicology**. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 379-397.

PILLOW, Wanda. Confession, catharsis, or cure? Rethinking the uses of reflexivity as methodological power in qualitative research. **International Journal of Qualitative Studies in Education**, v. 16, n. 2, p. 175-196, 2003

PROGRAMAÇÃO do Simpósio ICTM Rio 2022. In: EVEN3. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: https://www.even3.com.br/e/simposioictm2022-262957?lang=pt. Acesso em: 12 jul. 2026.

SANTO, Spirito. **Do samba ao funk do Jorjão: ritmos, mitos e ledos enganos no enredo de um samba chamado Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Escola Sesc de Ensino Médio, 2016.

SANTO, Spirito. Vissungos do Tijuco: hoje você sabe o que é isto? Você sabe o que é isto? **Blog SpiritoSolto**, 2 jun. 2014. Disponível em: https://spiritosanto.wordpress.com/2014/06/02/vissungos-do-tijuco-hoje-voce-sabe-o-que-e-isto/. Acesso em: 11 jul. 2026.

SANTO, Spirito. Vida pregressa. **Blog SpiritoSolto**, 30 nov. 2007. Disponível em: https://spiritosanto.wordpress.com/2007/11/30/vida-pregressa/. Acesso em: 1 jul. 2026.

SANTO, Spirito. **Lapa de Makemba, o translado fantástico da música morta-viva: notas etnológicas sobre uma viagem pela música africana do Brasil adentro**. Manuscrito. Rio de Janeiro: Academia.edu, 2025.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas**. Tradução de Roberto G. Barbosa. Curitiba: Editora UFPR, 2019.

TV SUAT. **Concessão de "Notório Saber" a Spirito Santo**. YouTube, 15 maio 2023. Disponível em: https://youtu.be/IqJfr6YiaCQ?si=YuYyKGlJn3Qpf3Vl. Acesso em: 11 jul. 2026.

TUGNY, Rosângela Pereira. Mestra Mayá: a história contra-colonial de uma mestra indígena. Resenha de: ANDRADE, Maria Muniz de (Mestra Mayá). **A escola da reconquista**. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 2022. Disponível em: https://diplomatique.org.br/mestra-maya-a-historia-contra-colonial-de-uma-mestra-indigena/. Acesso em: 11 jul. 2026.

VAN DER MEER, Wim. **Beyond the Binary: Toward a Cultural Musicology**. Manuscrito inédito, no prelo, 2026.

Mini Bios Autores/Autoras

Magda Dourado Pucci é musicista, antropóloga e pesquisadora das musicalidades indígenas e das músicas do mundo. Graduada em Regência pela USP, é mestre em Antropologia pela PUC-SP e doutora em Pesquisa Artística pela Universidade de Leiden, na Holanda. Desenvolve pesquisas e projetos colaborativos com artistas de diferentes tradições vocais do mundo e com coletivos indígenas no Brasil, articulando criação artística, etnomusicologia e educação musical. É fundadora e diretora musical do Mawaca, grupo dedicado à recriação de repertórios vocais de diferentes culturas do mundo. Desde 2013 é associada ao International Council for Traditions of Music and Dance (ICTMD), integrando a Junta Diretiva do Grupo de Estudos de Músicas Latino-Americanas e do Caribe.

Dona Mayá - **Maria Muniz de Andrade** é mestra e liderança do povo Pataxó Hã-Hã-Hãe. Sua trajetória está ligada à transmissão de conhecimentos, memórias e práticas culturais de seu povo, articulando ancestralidade, território, espiritualidade e resistência. Sua atuação contribui para a continuidade e a valorização de conhecimentos indígenas transmitidos entre gerações, afirmando a importância da oralidade, da memória e da experiência vivida como formas legítimas de produção de conhecimento. É autora do livro *A Escola da Reconquista* publicado pela Editora Teia dos Povos.

Nego Bispo - **Antônio Bispo dos Santos** (1959–2023) foi pensador quilombola, escritor, poeta, lavrador e liderança do movimento quilombola brasileiro. Nascido no Quilombo Saco-Curtume, no Piauí, dedicou-se à reflexão sobre os modos de vida, os conhecimentos e as formas de organização das comunidades quilombolas. Desenvolveu o conceito de contracolonização, propondo uma perspectiva crítica aos processos coloniais a partir dos saberes, práticas e cosmologias dos povos quilombolas. Autor de *Colonização, quilombos: modos e significações* (2007) e *A terra dá, a terra quer* (2023), tornou-se uma referência fundamental nos debates contemporâneos sobre território, ancestralidade, educação e epistemologias quilombolas.

Spirito Santo - **Antônio José do Espírito Santo** é músico e Doutor em Etnomusicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por Notório Saber. Desenvolve, há cinco décadas, pesquisas sobre as músicas de matrizes africanas no Brasil, com especial atenção aos *vissungos,* reunidas *n*o artigo *Na Lapa de Makemba* (Santo, 2025). É criador da oficina *Musikfabrik*, onde pesquisa e constrói instrumentos musicais articulando organologia aplicada, pesquisa histórica, experimentação sonora, criação artística e formação de músicos. É autor do livro *Do samba ao funk do Jorjão: Ritmos, mitos e ledos enganos no enredo de um samba chamado Brasil* em que apresenta a evolução do samba e a mistura de ritmos na cultura popular.